

O ANJO

FRANCISCO SALGUEIRO

QUE



QUERIA

Do autor do *bestseller*
O Fim da Inocência

PECAR

Ficha Técnica

Título original: O Anjo que Queria Pecar

Autor: Francisco Salgueiro

Revisão: Silvina de Sousa

Capa: Rui Garrido

Imagem capa: © CORBIS/VMI

ISBN: 9789895559770

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2012, Francisco Salgueiro

e Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda.

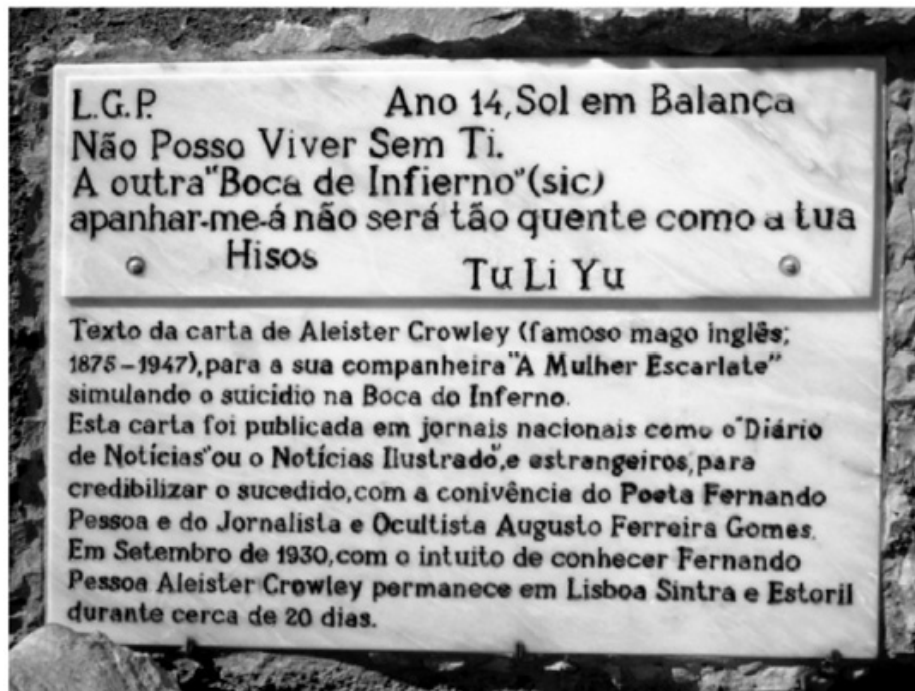
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[E-mail: info@oficinadolivro.leya.com](mailto:info@oficinadolivro.leya.com)

www.oficinadolivro.leya.com

www.leya.pt

Por vontade expressa do autor o livro respeita a ortografia anterior ao actual acordo ortográfico.



Placa colocada num rochedo na Boca do Inferno, Cascais, que assinala o local onde o satanista, mediúnico, e mestre do oculto e da magia negra Aleister Crowley desapareceu misteriosamente em 1930, com a conivência do escritor Fernando Pessoa.

Esse acontecimento ficou conhecido como «O Mistério da Boca do Inferno».

Foi mantido em segredo durante décadas e é agora revelado.

PRÓLOGO

Estava sentado no sofá a ler um jornal. De repente a campainha de minha casa tocou. Não mais alto do que o habitual porque não tem botão para aumentar o volume, mas pareceu-me que a turbina de um avião tinha vindo pernoitar nos meus ouvidos e estava a ser exibicionista.

Dei um pulo e o meu coração começou a bombear um pouco mais depressa. Não como se estivesse no quilómetro 20 de uma maratona, mas mesmo assim o suficiente para uma corrente de sangue frio ter gelado o meu corpo.

Eram duas da manhã. Não deveria haver ninguém a bater à minha porta àquela hora. Vivo numa moradia. Não podia ser um engano. «Ah, enganei-me, queria ter tocado para o 2.º esquerdo.» Àquela hora, o carteiro estaria a dormir e as Testemunhas de Jeová a testemunhar os próprios sonhos.

Levantei-me e fui à janela. Ouvi a tampa da minha caixa de correio a fechar e logo de seguida um carro a arrancar.

Durante um minuto entrei num tribunal onde eu próprio era o advogado de defesa e da acusação. «Vai lá fora ver o que se passou.» «Não vás, porque não deve ser nada.» «Imagina que é mesmo alguma coisa. Imagina que alguém deixou a lotaria premiada.»

A caixa de correio fica no muro do jardim, logo teria de sair de casa e ir até lá fora. E se fosse uma cilada? Bem sei que não estou dentro de um filme do Scorsese, mas e se alguém me quisesse raptar para me roubar um órgão?

Sou curioso. Há dias em que é um defeito, há outros em que é uma qualidade. Comecei a descer as escadas e abri a

porta. Estava tanto frio que até os termómetros tremiam. Dirigi-me à caixa de correio. Ela é grande. Gosto de caixas de correio grandes. Dá para encomendar livros e recebê-los directamente sem ter de ir à estação dos CTT levantá-los.

Abri a caixa e naquele momento dentro da minha cabeça tudo parou. Não sei qual o nome científico para isso, mas foi a única vez que senti a necessidade de que o meu cérebro tivesse outro cérebro.

À minha frente estava uma caixa grande. A primeira imagem que me veio à cabeça foi que lá dentro estaria um animal morto. Talvez a cabeça de um cavalo, como acontecia no filme *O Padrinho*. Ou talvez não, porque a caixa não era assim tão grande. Talvez de um cavalo anão. Daquelles que existem nos circos.

Analisei-a com mais atenção. Era uma caixa de papelão normal. Dois palmos de altura por dois de largura. Óbvio que depende do tamanho das mãos, mas dá para terem uma ideia do tamanho.

Entrei em casa. Tentei ver se por acaso os meus olhos teriam raios X e me possibilitariam observar o conteúdo sem abrir. Sim, poderia ser possível, nunca tinha tentado. Tentei. Franzi muito os olhos e as sobrancelhas, mas não cheguei a lado nenhum, a não ser marcar um bocadinho mais uma pequena ruga que se está a instalar em cima da minha sobrancelha direita.

Subi as escadas, abri uma gaveta, tirei um x-acto e dirigi-o à fita-cola que selava a caixa. Cortei com muito cuidado. Abri a caixa. À minha frente, muitos documentos. Papéis escritos à mão. Recortes de jornais. Fotografias. Uma cassete de vídeo. E algumas cassetes de áudio. daquelas antigas. Artefactos em vias de extinção. Eram usadas para ouvir ou gravar música nos anos 70 e 80. Dois lados. Cada uma com a duração de trinta minutos.

Uma delas tinha escrito «Começar por aqui». Alguém queria que eu as ouvisse.

Naquele momento coloquei o processador do meu cérebro em funcionamento. Teclei na minha cabeça: onde estará um gravador de cassetes? Pela minha cabeça passaram imagens de leitores de *MP3*, de *mini disc*, de *cd* e finalmente cheguei ao gravador/leitor de cassetes. Anos 80. Permanentes. Enchumaços. Scorpions. Duran Duran. Sótão. Era lá que estava o único gravador que ainda me restava. Já não o usava desde o milénio passado.

Entrei no sótão. Não sei se me encontrava possuído pelo espírito do Google, mas em 1344 segundos descobri o local onde estava o gravador. Um baú. Tirei-o e ele ainda cheirava a anos 80. Sim, os anos 80 tinham um cheiro. Naquele caso, *Drakkar Noir*.

Liguei-o à corrente e olhei para a caixa, para as fotografias, para as cartas e para as cassetes. Quem queria que eu as ouvisse? Havia sempre a possibilidade de elas não serem para mim. Alguém poderia ter-se enganado. Mas eu moro na mesma casa há tantos anos que a minha rua deveria ter o meu nome. Por isso, as probabilidades de alguém se ter enganado eram escassas.

Não sabia o que ia ouvir nas cassetes. Tanto poderia ser uma compilação de músicas dos Abba, como o que veio realmente a ser. Provavelmente a coisa mais bizarra que alguma vez me aconteceu.

O que vão ler é o conteúdo das cassetes, das cartas, dos documentos e recortes. Nalguns casos simplifiquei a linguagem, noutros deixei alguns acontecimentos não essenciais de fora, noutros transformei descrições em discursos directos...enfim, não vou continuar a maçar-vos explicando tudo o que fiz para tornar o que li, vi e ouvi neste livro.

Garanto que não vão conseguir parar de ler.

1

SOMOS DO TAMANHO DOS NOSSOS SONHOS

Ano: 1988. Tinha dezoito anos. Estava em casa sentado a olhar para a televisão. À minha frente um teledisco do Rick Astley. E depois outro das Bananarama. Naquela altura passava os dias em casa. Sentado. De pernas estendidas a olhar para a televisão.

Há semanas que não via o sol sem ser através dos vidros. Já tinha ganhado seis quilos. Um mês antes, estava a andar de moto e sem me aperceber o muro de uma casa veio na minha direcção. Espatifei a moto, a perna direita e o braço direito.

«Podia ter sido bem pior.» «Nem imagina aquilo que nós vemos aqui.» «A sua sorte é que levava capacete.» Estas foram algumas das frases que ouvi no hospital por parte dos médicos, enfermeiros, familiares e amigos. Os amigos e familiares diziam as mesmas frases mas tratando-me por tu.

Durante os primeiros dias, gostei de tantas atenções e o meu quarto estava sempre cheio. Só que, à medida que o tempo foi passando, as pessoas foram tendo a sua vida, e foram-se afastando. Assim, as visitas diárias passaram a semanais, e depois a ocasionais. Nunca as censurei. Era Verão e talvez eu também tivesse feito a mesma coisa.

Ficava o dia inteiro em casa sozinho. A minha mãe e o meu pai trabalhavam e a empregada ia lá a casa da parte da manhã fazer-me o almoço. Como dormia até à uma da

tarde, raramente a via. Acordava com o cheiro da comida que ela me fazia e já só tinha tempo para lhe dizer: «Até amanhã, Rosa.»

E depois tinha a tarde toda para mim.

Na altura não havia Internet nem telemóvel. Só mesmo o telefone fixo. Canais, tínhamos dois.

Felizmente havia música. Programas e programas de televisão com telediscos. Via-os todos. Começavam a meio da tarde e iam até cerca das oito e meia da noite, quando os meus pais chegavam a casa.

Nunca liguei muito ao trabalho deles. Quem é que aos dezoito anos liga alguma coisa ao que os pais fazem? Os dias derretiam-se uns nos outros e eu estava tão aborrecido que tudo me interessava. O voo das moscas no meio da sala foi um assunto que me prendeu a atenção durante vários dias. Porque é que as moscas voam no meio da sala e nunca nos cantos?

Por isso, e pela primeira vez, dei por mim a falar com os meus pais ao jantar sobre o trabalho deles. Até lhes fazia perguntas. Precisava de ouvir vozes que não fossem apenas o meu pensamento. Sentia que se não me fossem relatadas outras realidades o meu cérebro ficaria transformado num fóssil.

A minha mãe trabalhava no Ministério do Trabalho. Era directora do Departamento de Recursos Humanos. Era ela que decidia quem era contratado, as férias... enfim, coisas chatas que poderiam levar a que qualquer pessoa morresse de tédio ao fim de cinco minutos. Mas, para mim, eram histórias de encantar.

O meu pai era muito poupado. Nas compras e nas palavras. Tudo o que custasse mais de mil escudos era muito. Acima de dez palavras por minuto era um milagre. Ele nunca falava sobre o seu trabalho. Mas era impossível resistir às minhas perguntas de rajada. Eu queria saber tudo. Onde trabalhava. O nome da rua. O nome dos colegas. A cor do escritório.

No princípio respondeu muito pouco. Devia ter pensado que se não respondesse, ao fim de poucos dias, eu ia acabar por não perguntar mais. Mas estava aborrecido. E os pais nunca devem pôr em causa o poder de aborrecimento de um filho com dezoito anos.

Aos poucos, muito aos poucos, percebi que ele era um espião. Não do tipo James Bond, que salta de telhado em telhado e tem um *Aston Martin*. Claro que nunca usou a palavra espião, mas percebi que era isso que fazia. Trabalhava para os serviços secretos.

Entre as histórias passadas no Ministério do Trabalho e as histórias com espiões, preferia as de espiões. Obviamente que hoje olho para trás e percebo que ele me contava coisas muito superficiais. Mas na altura tinha a mais profunda convicção de que se lhe perguntasse muitas vezes ele acabaria por contar tudo sobre os casos que investigava.

Nunca aconteceu dessa forma. Aconteceu de uma forma bem diferente.

Uma noite chegou a casa com uma embalagem enorme, com ar de pesar entre duas e três toneladas. Mas com bastante facilidade levantou o embrulho do chão, colocou-o em cima da mesa e disse-me que desembulhasse. Ou era o Hulk ou então tinha superpoderes.

Comecei a rasgar o papel que envolvia a embalagem. Queria que fosse um computador. Ele sabia que o meu *Spectrum* estava estragado. Óbvio que seria um computador. Aquele era o presente que me faria estar tão ocupado durante o dia que, chegando a noite, não queria perguntar-lhe nada. Pensei que ele me estava a subornar, mas não me importei.

Abri o papel e fiquei a olhar para o objecto à minha frente. Não emiti uma palavra. Acho até mesmo que parei de respirar durante uns quatro segundos. Só retomei porque ele me perguntou:

– Então, gostas?

Os meus pensamentos foram raptados.

Não sabia o que dizer. Tive vontade de pedir que se metesse no carro do *Regresso ao Futuro*, fosse ao passado devolver o que estava em cima da mesa e trouxesse alguma coisa mais recente. À minha frente encontrava-se um aparelho que devia ter vindo dos anos 50. Um gravador. Não dos pequenos para pôr cassetes, mas um enorme, com duas bobinas em que a fita começa numa e vai para a outra.

Foi aí que percebi que o meu pai não poderia mesmo ser o James Bond, porque o James Bond nunca daria ao filho uma coisa daquelas e esperar que ele pulasse de alegria ou fizesse uma vénia de homenagem. O que iria fazer com aquilo?

- Senta-te. Quero mostrar-te uma coisa.

Pus as canadianas junto à mesa e sentei-me.

Ele ligou aquele monstro à electricidade e carregou no botão *play*. As bobinas arrancaram.

Esperava ouvir qualquer coisa com melodia. Obviamente que não seriam os Whitesnake a cantar «Is this love?», porque o meu pai nem saberia quem eram, mas com os Rolling Stones já ficaria satisfeito.

Nada disso. Aos poucos, comecei a ouvir uns sons estranhos. Pareciam vozes de pessoas a ser estranguladas. Ou alguém a afogar-se. Não percebia o que se passava. Olhei para ele, e tinha um sorriso. Não um pequeno sorriso, mas um sorriso que o levava a que os músculos da cara fizessem horas extraordinárias. Aquele era o sorriso que fazia sempre que estava orgulhoso de si. Ele tinha orgulho por me mostrar aquela gravação.

- Sim, é uma pessoa que escorregou na casa de banho e está a tentar pedir ajuda, mas não consegue porque tem a boca cheia de água.

Ele olhou para mim, sem perceber que eu estava a ser sarcástico.

Debruçou a sua atenção no gravador, carregou no *play*, mas virou o botão para o lado oposto. Nesse momento, aquela locomotiva a carvão parou por microssegundos, as bobinas mudaram de direcção.

Nessa altura o som do afogado transformou-se numa música. Estava a meio. Não reconheci de imediato.

- «Stairway to Heaven», dos Led Zeppelin. Uma das melhores bandas de sempre. Anos 70. Como tenho saudades. Eu e a tua mãe dançámos muito ao som desta música.

Começou a dissertar sobre a minha mãe e ele durante uns minutos. Deixei-o falar.

- Decidi trazer-te este gravador para explorares esta música.

Explorar uma música?! Era Verão, estava muito calor, o carro dele não tinha ar condicionado e eu pensei que estava a ter uma insolação e delirava.

- Repara bem. Sempre que ponho a música a andar de trás para a frente, deixamos de a ouvir de forma correcta... e... está com atenção a esta parte...

Ruídos indecifráveis. Ele continuava a sorrir e a olhar para mim, como se me quisesse contagiar com a sua alegria.

- Ouviste? - perguntou.

- O quê?

- Não ouves alguém a falar?

Imaginei que era o Karate Kid e concentrei-me. Com algum esforço, ouvi umas vozes.

- São mensagens satânicas que dizem «Oh here's to my sweet Satan. The one whose little path would make me sad, whose power is Satan. He'll give those with him 666, there was a little toolshed where he made us suffer, sad Satan.¹»

De facto, consegui perceber as frases que o meu pai acabara de dizer, vindas da música ouvida ao contrário. Parecia a voz do Diabo. Não que eu alguma vez tivesse ouvido o Diabo. Mas se o Diabo falasse teria aquela voz.

- A isto chama-se mensagens subliminares. São mensagens que não apanhamos de forma consciente, mas que o nosso inconsciente capta e ficam cá dentro.

Tentei perceber se ele estaria a brincar comigo, a pregar-me uma partida ou se o que me dizia era mesmo verdade.

Ele percebeu o meu espanto e a minha incredulidade e explicou-me que as mensagens subliminares, na música, conhecidas como *backmasking*, tinham sido muito usadas nos anos 60 e 70. Era uma época em que se sabia muito pouco sobre o efeito que elas poderiam ter nas pessoas e que muitos músicos as exploravam.

Foi aí que a minha vida mudou completamente. Até ao dia de hoje, em que estou a fazer esta gravação e a contar-lhe isto.

- À nossa volta há coisas que aparentam uma coisa, mas são o oposto. Há um mundo para além do que conhecemos. Queres saber mais sobre isto? - perguntou-me.

¹ «Oh, ao meu doce Satanás. Aquele cujo caminho me deixaria triste, cujo poder é Satã. Ele dará aos seus 666, havia um barracão onde nos fazia sofrer, triste Satanás.»

2

A MINHA PÁTRIA É A LÍNGUA PORTUGUESA

Entro no carro alugado. Respiro fundo. Pela primeira vez em três horas consigo ouvir-me a pensar. Devia ser proibido excursões de crianças em aviões sem que os miúdos tivessem uma mordaça na boca. Foram três horas de viagem entre Londres e Lisboa com decibéis acima do limite de segurança.

Agora. Silêncio. É madrugada.

Tanto tempo sentado no avião fez com que sinta uma ligeira dor no braço e na perna direitos, que foram engessados quando tive um acidente de moto em 1988, aos dezoito anos.

Ponho a chave na ignição para arrancar do aeroporto. Vou a caminho de casa. Já não venho a Portugal há cinco anos.

O telefone toca. É uma mensagem. «Este número tentou contactá-lo 6 vezes.» Olho, mas não vem identificado.

O telefone toca de novo. Desta vez não é uma mensagem. Olho para o visor. O número é o mesmo que me tentou contactar as seis vezes enquanto tive o telefone desligado dentro do avião.

– Boa noite – diz uma voz grave, com timbre de anos de experiência de rádio ou de muito tabaco.

Sem me dar tempo para retribuir o cumprimento, diz o meu nome e pergunta se sou eu quem está do outro lado da linha.

– Sim, sou o próprio – respondo.

- O meu nome é Pedro Veiga. Sou inspector da Polícia Judiciária e preciso de falar consigo.

- Polícia Judiciária... mas qual o assunto?

- Pelo que sei, o senhor mora em Inglaterra.

- Sim, moro, mas neste momento estou em Portugal.

- Ah, bom - diz o inspector, de forma entusiasmada.

- Qual o assunto? - pergunto, intrigado.

- Temos de nos encontrar com a máxima urgência. Já lhe tentei ligar várias vezes esta noite.

- Acabei de chegar a Lisboa. Amanhã não posso, mas podemos combinar para daqui a dois dias.

- Impossível! Tem de ser hoje - exclama, tossindo fortemente várias vezes.

- Hoje? Mas é uma da manhã. Estou estoirado e preciso de descansar.

- Pois, compreendo, mas tem de ser hoje.

- Pergunto-lhe de novo: De que assunto se trata?

- É um assunto altamente sigiloso. Precisamos da sua ajuda.

- Da minha ajuda? Mas como é que os posso ajudar? Não vivo em Portugal há cerca de vinte anos. Sou promotor de concertos em Londres. Não estará a confundir-me com alguém?

- Não. Tivemos indicação de que é mesmo consigo que temos de falar.

- Mas quem é que lhe deu o meu contacto?

- Foi a minha colega, Doutora Mónica Morais, da área da psicologia forense.

Respiro fundo. Olho à minha volta e vejo um avião levantar voo. Estou estoirado. Quero descansar. Tenho de dormir.

- Mas onde querem que eu me encontre convosco?

- Na Boca do Inferno.

- Na Boca do Inferno, em Cascais? A esta hora?

- Exactamente. Estamos à sua espera. Se pudesse estar aqui nos próximos trinta minutos, seria muito importante.

- Não posso sequer ir a casa deixar a minha mala?
- É melhor não. Temos algum receio de que rapidamente apareça aqui a comunicação social, e aí não vamos ter sossego. Venha ter connosco ao sítio onde está a placa que assinala o local onde supostamente o mago Aleister Crowley desapareceu misteriosamente em 1930, com a conivência do escritor Fernando Pessoa.

3

TODAS AS CARTAS DE AMOR SÃO RIDÍCULAS

Aproximo-me da Boca do Inferno. A duzentos metros vejo um carro. O único ali estacionado. Sem luzes no tejadilho nem qualquer indicação de ser da polícia.

Os vários restaurantes da zona estão fechados. Não há luzes lá dentro.

Paro o carro atrás do *BMW* preto. Desligo o motor, abro a porta e sou invadido por um som que há muito não ouvia. A sua ausência foi o que mais me custou quando fui morar para Londres. O mar.

Começo a andar e de imediato um vento impregnado de cheiro a sal e humidade ataca-me. Volto a receber um alerta da perna e do braço. Devia estar calor porque é Verão, mas a escuridão começa a ser invadida por um nevoeiro frio.

Os candeeiros num raio de cinquenta metros estão estranhamente desligados. Vê-se mal.

Desço as escadas que me vão levar aos rochedos da Boca do Inferno. Olho na direcção do mar e muito ao longe um relâmpago inunda o céu com uma luz cintilante. O mar fica transformado num espelho prateado.

Bastante mais perto de mim, ao fundo das escadas de pedra, duas silhuetas fundem-se com a névoa. Uma levanta a mão e chama-me.

Caminho lentamente e lembro-me das vezes que o meu pai me trouxe aqui e me contou o que aconteceu. Ou pelo

menos contou a versão que conhecia. Ele era um estudioso desse assunto, passando horas a investigá-lo. Ele e o meu tio. Era um dos seus *hobbies*. Vinham aqui e discutiam várias teorias.

Na altura, eu estava muito entusiasmado a descobrir músicas com mensagens subliminares e fiquei fascinado quando o meu pai me falou num mistério passado nesta zona com o escritor Fernando Pessoa e o homem apelidado de «o mais perverso do mundo», Aleister Crowley.

Aproximo-me das duas pessoas que esperam por mim. Um homem e uma mulher.

- Boa noite, como vai? - cumprimenta-me o inspector, alternando cada uma das palavras com uma forte tosse. - Muito obrigado por ter vindo.

Os meus olhos ainda não se habituaram totalmente à escuridão e não consigo ver muito bem a cara dele. Está com um fato escuro. Tem cabelo curto. Grisalho. Uns quilos a mais.

Estico a mão e retribuo o cumprimento. Mas em silêncio. Não sei o que dizer. «Não faz mal?» Claro que faz mal. A esta hora podia estar em casa a comer a primeira refeição decente do dia. «É um prazer conhecê-lo?» Não, não é prazer nenhum porque neste momento vejo pouco mais do que um vulto.

- Esta é a doutora Mónica Morais.

Estica-me a mão e diz «boa noite» baixinho.

- Boa noite - retribuo.

Morena. Mais ou menos da minha altura. Cabelo apanhado em rabo-de-cavalo.

- Chamámo-lo aqui porque sabemos que é neto de um dos investigadores da polícia inglesa que em 1930 veio a Portugal investigar o desaparecimento do mago Aleister Crowley, aqui neste mesmo local, com a cumplicidade do escritor Fernando Pessoa - diz de rajada o inspector.

- Sim. De facto isso é verdade - afirmo, de forma cautelosa, sem perceber a direcção da conversa.

- Acreditamos que tenha ouvido alguma história que nos possa ajudar.

- Mas, afinal, o que é que se está a passar? - pergunto, fixando os dois, com ar sério e demasiado fatigado devido à viagem.

Olham um para o outro e o inspector começa a falar.

- Há uns dias um colega nosso desapareceu. Aliás, ex-colega, porque já estava reformado. Um grande companheiro meu. Estivemos juntos na polícia durante décadas, jantávamos fora todas as semanas, à mesma hora, no mesmo restaurante... só que esta semana... hoje... não apareceu. Estranhei, porque nunca nenhum de nós faltara. Tive logo uma sensação estranha. Liguei-lhe para o telemóvel, e nada. Fui até casa dele, e nada. De imediato contactei a operadora do telemóvel e informaram-me que o último sinal captado viera desta zona. E então fiquei assustado.

- Porquê? - pergunto.

- Lembrei-me de uma carta que ele me deu há muitos anos. Uma carta cifrada e sobre a qual apenas me dissera: «Se alguma vez alguma coisa me acontecer, peço-te que investigues o que está por trás desta carta. Há documentos em casa do meu pai.» Óbvio que na altura tentei saber pormenores, mas não me disse absolutamente mais nada. Com o silêncio dele, fui-me esquecendo da carta, até hoje.

- E que carta era essa?

O inspector retira a sua carteira de um dos bolsos traseiros das calças. Procura durante dois segundos e estica na minha direcção uma folha A4 dobrada que abro de imediato.

- Sabe o que isso é, não sabe? - pergunta-me o inspector.

Dou uns passos e vejo à minha frente uma placa numa rocha com este mesmo texto. Está escuro. Não consigo ler muito bem, mas não é necessário. Já a vi várias vezes. Sei o texto de cor:

Ano 14, sol em Balança
L.G. P.

Não posso viver sem ti.
A outra “Boca do Inferno” apanhar-me-á - não será tão
quente como a tua!
Hisos!

Tu
Li
Yu

Texto da carta de Aleister Crowley (famoso mago inglês: 1875-1947), para a sua companheira A Mulher Escarlate, simulando o suicídio na Boca do Inferno. Esta carta foi publicada em jornais nacionais, como o Diário de Notícias ou o Notícias Ilustrado, e estrangeiros, para credibilizar o sucedido, com a conivência do poeta Fernando Pessoa e do jornalista e ocultista Augusto Ferreira Gomes. Em Setembro de 1930, com o intuito de conhecer Fernando Pessoa, Aleister Crowley permanece em Lisboa, Sintra e Estoril durante cerca de 20 dias.

- Como posso ajudar-vos? - pergunto. - Não acredito que saiba mais sobre o caso Crowley do que a própria polícia. Estou fatigado, preciso de descansar, as minhas últimas horas foram devastadoras.

- Olhe ali para o fundo - pede o inspector, apontando para um plano inclinado nas rochas que vai até ao mar, delimitado por um arame.

Viro a cabeça nessa direcção.

- Consegue ver?

Não. Nada. Está muito escuro. Os meus olhos já se habituaram à escuridão, mas apenas vejo rochas. Rochas... e... o que é aquilo?

- Um corpo? - pergunto, sobressaltado. - Aquilo é um corpo?

Um silêncio apático. Apenas oiço o murmúrio do mar.

Volto a perguntar, olhando para ele.

- Um corpo?

- Sim - confirma o inspector, tentando reprimir umas lágrimas.

Começamos a andar na direcção do corpo. Olho para ele, cada vez mais próximo de mim, e sinto algo estranho. Reparo no sobretudo preto que tem vestido, nos mocassins castanhos com berloques, nos óculos, na forma da cara. Começo a sentir uma enorme pressão.

- É o... - tento dizer. - É o...

Ajoelho-me e ponho as minhas mãos na cara dele. Dou-lhe uma festa. Está completamente gelado. Sinto uma lágrima a escorrer. Tento abraçá-lo, mas o corpo pesa muito.

- Quem é que lhe fez isto? - pergunto-lhes, com a voz a tremer.

- É isso que queremos saber - responde o inspector.

- Mas quem poderia desejar fazer-lhe mal? - interrogo, sabendo que não me vão dar resposta.

Não dizem nada. Silêncio absoluto.

Sou invadido por uma angústia inquisitiva.

Morto?!

4

TUDO É INCERTO E DERRADEIRO

- O que é que nos pode dizer sobre o conteúdo desta carta escrita em 1930? - pergunta-me o inspector Veiga, com uma sombra de tristeza nos olhos mas uma dureza na voz para não mostrar os seus sentimentos. - Não temos muito tempo. Peço que se recomponha. A melhor homenagem que lhe podemos fazer agora é descobrir quem terá feito isto. Chorar não nos levará a lado nenhum.

Olho para cima e vejo a cara impassível do inspector à espera de uma resposta. Fixo-o intensamente. Não é um olhar, é uma declaração de guerra. Os meus pensamentos vagueiam. A raiva arde-me nos olhos. Com a voz aos soluços, as palavras saem consumidas e começo a dizer o que sei.

No final dos anos 20 do século passado, o poeta Fernando Pessoa apreciava muito o trabalho de um famoso mago e ocultista inglês chamado Aleister Crowley.

Ao ler um livro escrito por Crowley, viu que este tinha escrito o seu próprio horóscopo com alguns erros. Pessoa escreveu-lhe de imediato a relatar o sucedido. Nessa carta também mostrava como deveria ter sido feito o verdadeiro horóscopo.

Crowley ficou bastante impressionado com a carta de Pessoa e disse que gostaria muito de o conhecer, o que acabou por acontecer. Chegou a Portugal acompanhado por uma maga alemã chamada Hanni Larissa Jaeger. Ela, tal

como Crowley, era uma pessoa muito controversa no mundo da magia negra.

O inglês esteve em Portugal uns vinte dias. Só que, entretanto, desapareceu e ao mesmo tempo foi descoberta uma carta aqui, na Boca do Inferno. A tal carta, que na altura causou um pandemónio em Portugal e Inglaterra.

«Crowley suicidou-se.»

«A igreja cristã matou Crowley.»

«Crowley fez um pacto ocultista e desapareceu.»

«Um ritual levou a que Crowley desaparecesse.»

Foram inúmeras as versões que apareceram nos jornais portugueses, ingleses e franceses, e acabou por vir a Portugal uma equipa de investigadores ingleses para tentar encontrar Crowley.

No entanto, havia quem dissesse que tudo não passara de uma manobra de Crowley para se divertir e fazer aumentar a sua reputação.

Qual o papel de Fernando Pessoa no meio de tudo isso? Consta que Pessoa sentia um misto de adoração e de repulsa por Crowley. Por um lado, mal o encontrou percebeu que ele tinha graves desequilíbrios psíquicos e espirituais. Mas, por outro lado, a personalidade forte e dominadora de Crowley causava-lhe uma certa admiração.

O que na altura constou é que fora Fernando Pessoa a instigar os jornais a dar cobertura a esse desaparecimento, porque entre os dois já estava programada a escrita de um livro policial baseado no caso. Ambos dividiriam os lucros da venda, amplificados pelas notícias. Fernando Pessoa terá começado mesmo a escrevê-lo, dando-lhe o título de *The Mouth of Hell*, mas nunca chegou a acabá-lo. Teria sido o próprio Pessoa a sugerir o local devido ao seu nome assustador e simbologia mística. Era o portal para as entranhas da terra. Através do caminho subterrâneo, que daqui parte, com ligação directa a Sintra, passar-se-ia por diversos graus de espiritualidade até se chegar ao ser supremo.